

JUL/AGO/1985 - Nº 4

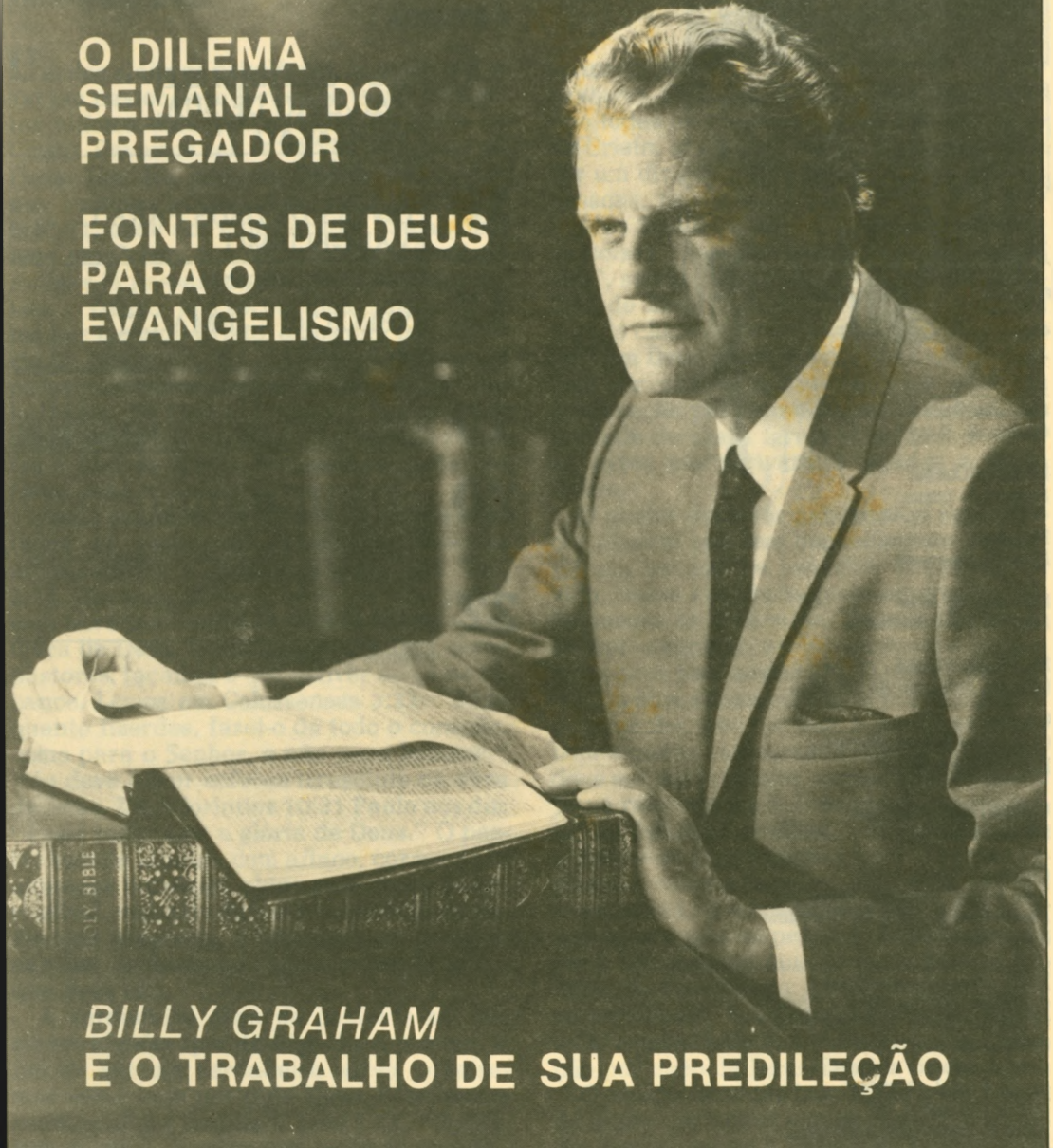
Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

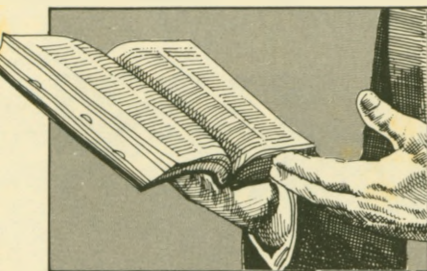
Adventista

**O DILEMA
SEMANAL DO
PREGADOR**

**FONTES DE DEUS
PARA O
EVANGELISMO**



**BILLY GRAHAM
E O TRABALHO DE SUA PREDILEÇÃO**



Gerente Geral:
Carlos M. Borda

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo Vieira

Produção Visual:
Cláudio Sampaio de Oliveira

Capa:
Cruzada Evangelística
Billy Graham/74

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff, Severino Bezerra
Pável Moura, Jefte de Carvalho
Luís Nunes

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF
Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira.

EDITORIAL

3 A RESPEITO DE SER PASTOR

Ted N. C. Wilson

ARTIGOS

6 BILLY GRAHAM E O TRABALHO DE SUA PREDILEÇÃO

Billy Graham

10 PONTES DE DEUS PARA O EVANGELISMO

Efrén Pagán Irizarry

12 EXERCÍCIO — UMA LEI DA VIDA

Dra. Irma B. de Vyhmeister

15 INCENTIVANDO OS MEMBROS

Wayne Owen

20 O DILEMA SEMANAL DO PREGADOR

Lawrence G. Downing

22 RIOS E REGATOS

Rubens S. Lessa

A RESPEITO DE SER PASTOR

TED N. C. WILSON

*Secretário Ministerial e de Mordomia da Divisão
África-Oceano Índico*

Um dos maiores privilégios, hoje em dia, é ser um pastor para Jesus Cristo durante estes últimos dias, pouco antes da volta de Cristo. Devemos ser os servos especiais de Deus. Um dos maiores desafios lançados aos cristãos encontra-se em II Coríntios 5:17-21, onde nos é declarado: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas... Deus... nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação... De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo." Ser embaixador de Cristo é fazer a vontade de nosso Mestre, e efetuar reconciliação dentro e fora da Igreja. Por meio do poder de Deus, essa é a obra de um pastor.

Paulo estava aconselhando a Timóteo e a todos os pastores, ao dizer: "Procura apresentar-te a Deus aprovado." II Tim. 2:15. Devemos ser pastores que não precisam envergonhar-se, e que conheçam a Palavra de Deus. O Senhor espera que, como pastores, façamos o que estiver ao nosso alcance. Lemos em Colossenses 3:23: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para homens." Não deve haver esforço irresoluto na obra de Deus. Em I Coríntios 10:31 Paulo nos diz: "Fazei tudo para a glória de Deus." O pastor tem de labutar com afinco, correr para alcançar o prêmio, obter uma coroa incorruptível, segundo declara o apóstolo Paulo. Ele nos admoesta a subjugar-nos e dominar-nos, de modo que nosso exemplo seja o que deve ser.

A verdadeira obra do pastor é ser um servo: alguém que dá algo de si mesmo. A fim de ser um verdadeiro servo, precisamos estar bem perto de Deus. Precisamos praticar o que nos diz S. João 1:12. Precisamos receber diariamente a Cristo, e então

teremos poder para ser filhos de Deus e pastores de Deus. Filipenses 4:13 nos diz que todas as coisas são possíveis por meio de Cristo, que nos fortalece. O pastor deve ser um dirigente que trabalhe bem com as pessoas, reunindo-as como um grupo. Filipenses 2:14 e 15 indica que devemos fazer as coisas "sem murmurações nem contendas", sendo "irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis" no meio de um mundo cheio de problemas. Precisamos ser um com Deus e com Cristo, para que possamos ser unidos, conforme Jesus orou em Sua oração pela unidade, em S. João 17. A unidade de nossa Igreja só poderá ocorrer se todos nós estivermos ligados a Jesus Cristo.

O pastor deve ser uma pessoa equilibrada: alguém que tem conhecimento e experiência em muitos aspectos diferentes da vida. Nossa existência pode ser comparada às pernas de uma mesa. Se uma delas não estiver completa, ou for quebrada, toda a mesa será bem menos útil. O pastor precisa ser um bom administrador e um bom pastor do rebanho. Deve visitar e conhecer muito bem aqueles com quem trabalha. O pastor deve ser um pregador, seguindo a ordem de Jesus relatada em S. João 21:16: "Apascenta as Minhas ovelhas." O pastor deve esforçar-se por preparar bom alimento espiritual como pregador. Ele deve ser um evangelista. O evangelismo não pode ficar entregue a poucas pessoas. A Bíblia nos diz em II Timóteo 4:5 que devemos fazer o trabalho de evangelista. Esta é a razão de nossa existência. É a corrente vital da Igreja — a transmissão das boas-novas da salvação por meio de Jesus Cristo.

O pastor deve ter boa saúde e ser capaz de ajudar os outros a cuidarem de sua saúde. Nosso corpo é o templo do Espírito San-

to. A saúde de um indivíduo e sua vida espiritual se acham intimamente ligadas. Lemos em III S. João 2: "Amado, acima de tudo faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma." O pastor deve cuidar de sua própria saúde e da saúde dos outros. Ele deve ter uma mente bem desenvolvida.

O pastor deve demonstrar interesse por determinados problemas sociais dos indivíduos, seguindo o exemplo de Jesus, cujo ministério foi explicado em S. Lucas 4:18: Jesus pregou o evangelho aos pobres, curou os quebrantados de coração, trouxe libertação aos cativos e restauração de vista aos cegos, e pôs em liberdade os que estavam oprimidos. Esta deve ser a obra do pastor, pelo poder de Jesus Cristo. Ele precisa ter uma vida pessoal que seja um bom exemplo. Sua vida espiritual deve ser uma experiência vivificante. Ele não deve ser um pastor semelhante ao Mar Morto, na Palestina, que está sempre recebendo, mas nunca dá. Tem tantas substâncias salinas que é possível sentar no Mar Morto e ler um jornal, sem afundar-se. Tudo porque está constantemente recebendo, mas nunca dá. Ao receber algo, partilhe-o com os outros. Sua vida familiar e sua vida pessoal precisam ser um exemplo aos que o rodeiam. O pastor tem de sentir-se impelido a fazer a vontade de Deus. Não por orgulho pessoal, segurança no trabalho, ou educação, mas porque seu poder e sua autoridade provêm de Deus. Segundo nos diz S. Mateus 28:19 e 20, devemos ir e ensinar todas as nações, batizando os que crêem e ensinando-os a guardar todas as coisas que Deus nos tem ordenado. Esse texto termina com uma maravilhosa promessa de Cristo, a saber: que Ele sempre estará conosco.

O Espírito Santo pode conceder-nos a motivação e o poder de que necessitamos. O pastor sempre deve ser motivado por certos alvos que ele tem para o futuro. Peça que Deus o ajude a planejar o seu dia, o seu mês, o seu ano. Não espere que alguma outra pessoa lhe diga o que deve fazer. Mantenha-se à frente de seus líderes e de seu povo, permanecendo bem perto de Jesus. Ele lhe dará os alvos e a motivação corretos. Não há tempo para sentar-se e esperar hoje, porque Jesus virá em breve. Precisamos crer nas palavras de Cristo que se encontram em S. João 9:4 e tomá-las como nosso lema. Jesus disse: "É necessário que façamos as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar." Meus amigos, temos de

trabalhar agora, pois a noite se aproxima.

Nada pode substituir o bom planejamento para o futuro. Como pastor, você deve fazer o seu programa para o ano todo, a saber: o que deseja ver realizar-se no próximo ano. Convém elaborar com a maior antecedência possível uma lista dos assuntos sobre os quais pretende falar em seus sermões, talvez durante um ano. Programe também as atividades que deseja efetuar no próximo mês. Faça uma lista diária daquilo que precisa ser feito. Use essas listas. Numere as coisas que tem de fazer pela ordem de sua prioridade, e enfrente cada tarefa com determinação. Aproveite sabiamente o tempo. Cada indivíduo tem 24 horas por dia. Cada hora é uma preciosa dádiva de Deus.

O administrador de uma companhia queria maior eficiência, e pediu, portanto, que um perito o ajudasse a aprender como ser mais eficiente e conseguir realizar mais coisas num período de tempo mais curto. O perito deu-lhe uma idéia muito simples. Ele disse: "Anoté todos os projetos que gostaria de realizar. Ponha-os, então, na ordem de sua importância." E acrescentou: "Envie-me o pagamento que julgar conveniente." Depois de algumas semanas, o perito recebeu um cheque de 25.000 dólares — uma grande quantidade de dinheiro. O administrador aprendera um segredo simples, mas muito útil.

Como pastor, mantenha meticulosas listas daquilo que precisa ser feito, e ocupe-se primeiro com as coisas mais importantes. "Não deixe para amanhã o que pode ser feito hoje." Peça que Deus o ajude a planejar devidamente o trabalho.

O pastor precisa fazer as coisas de maneira metódica. Nosso Deus é um Deus de ordem. Efetue seu trabalho administrativo com esmero e ordem. Ao visitar as pessoas, ao aconselhar indivíduos ou ao lidar com problemas, faça-o de maneira ordeira. Seja conhecido como alguém que é estável e sensato — um pastor no qual as pessoas possam confiar. Aprenda a usar os colegas e os membros em seu trabalho. Delegue responsabilidades aos membros da igreja. Sempre que for possível, use essa grande força que são os leigos. Trabalhe como uma equipe; não procure fazer tudo sozinho. Mas não vá ao extremo oposto, dependendo da igreja para tudo; pois, quem é a Igreja? A Igreja somos todos nós, labutando sob a supervisão de Deus. O pastor devia esforçar-se ao máximo, com o poder de Deus. Certamente precisamos conservar a saúde

física, mental e espiritual, mas Deus espera que usemos ao máximo todo talento e habilidade que Ele nos concedeu.

Você conhece a história dos talentos relatada em S. Mateus 25:14-30. Um homem abastado iria fazer uma viagem, e deu vários talentos a seus servos. Ao voltar, ele elogiou os dois servos que tinham aumentado o investimento, e repreendeu a pessoa que só reteve o que possuía. Como pastores, sejamos estimulados a esforçar-nos até onde for possível com o poder de Deus, para que Deus possa dizer-nos: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor." S. Mat. 25:21.

Em determinado país foi visto um letreiro num caminhão que passava. Evidentemente, esse caminhão pertencia a certo ministério do governo. O nome do ministério era muito interessante: "Ministério de Ação, Desenvolvimento e Progresso." Esse nome devia ser um incentivo para todo pastor, estimulando-o a ser um pastor de ação, desenvolvimento e progresso na Obra de Deus. Seja um verdadeiro embaixador de Cristo. Seja como Calebe ou Josué. Eles não se envergonharam de crer no poder de Deus. Trouxeram um bom relatório. E eu o concito a fazer a mesma coisa. Não fique desanimado, nem se queixe; mas, pela graça de Deus, sempre traga um bom relatório. Estamos perto da Terra Prometida. Jesus em breve virá! Jamais abandone suas importantes responsabilidades como pastor. Peça que Deus lhe dê a perseverança necessária para cumprir a obra que Ele lhe confiou.

O conhecido estadista inglês, Winston Churchill, foi convidado a falar numa antiga escola que ele havia freqüentado. Provavelmente o diretor da escola fizera uma longa apresentação, e agora todos esperavam um discurso demorado e importante. O Sr. Churchill dirigiu-se, porém, calmamente ao púlpito, olhou para o auditório e disse: "Nunca desistais. Nunca desistais. Nunca desistais. Nunca... nunca... nunca... nunca..." E então sentou-se.

Desejo dizer aos pastores: Nunca abandoneis vossa sagrada responsabilidade e obra para Deus. Nunca deixeis de permanecer bem perto do Salvador. Lemos em II Timóteo 4: "Prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.... Sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério." E en-



tão Paulo declara: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda."

Prezado pastor, creio que Jesus virá em breve. Creio de todo o coração. E se você é um daqueles que amam a Sua vinda, almejará que Jesus volte, e passará algum tempo com o Senhor cada dia, para conhecer melhor a seu Pai celestial e receber com alegria a volta de Jesus.

Um menino veio correndo até o embarcadero na margem de um rio. Ele forçou a vista, olhando para o outro lado do rio, procurando alguma coisa. Um pescador estava ali por perto, observando o menino. Então o garoto avistou alguma coisa, e começou a acenar e a pular. O pescador notou que se tratava de um navio, e disse para o menino: "Você pensa que modificará a rota do navio com os seus acenos e pulos?" O garoto não disse nada, mas continuou acenando. Lentamente a embarcação começou a dirigir-se para o embarcadero. Estupefato, o pescador viu que o navio se deteve e estendeu um passadiço até o embarcadero. O menino subiu por ele e entrou no navio. E, quando a embarcação se retirava, o garoto gritou para o pescador: "O comandante deste navio é meu pai!"

Prezado pastor, faça de seu Pai no Céu o comandante de seu navio. Pregue a Palavra, realize o trabalho de evangelista, cumpra cabalmente o seu ministério, e humilhe-se diante de Deus e Seu povo. Lanço-lhe o desafio de entregar sua vida pastoral nas mãos de Deus, e, por Sua graça, você será um pastor cheio de poder.

BILLY GRAHAM E O TRABALHO DE SUA PREDILEÇÃO

Billy Graham

Este artigo foi extraído de uma palestra preparada para ser apresentada na Conferência Internacional Para Evangelistas Itinerantes, Amsterdã, 14 de julho de 1983. Copyright da Associação Evangelística de Billy Graham, Mineápolis, Minnesota. Todos os direitos reservados. Usado com permissão de Christianity Today.

O conhecido teólogo alemão, Rudolf Bultmann, fez a pergunta certa para o nosso tempo: "Como comunicamos o evangelho numa época secularista e tecnológica?" Essa pergunta pode ser expressa de modo diferente em outras culturas, mas todos nós estamos interessados em transmitir eficazmente o evangelho. Em muitas circunstâncias, isto significa o que os missiólogos têm chamado de "contextualização" — adaptar os nossos métodos à cultura e sociedade na qual somos chamados a proclamar o evangelho. Tornemos claro, porém, que não temos nenhuma autoridade das Escrituras para alterar a mensagem. A mensagem nunca pode ser contextualizada.

Assim, como comunicamos o evangelho com poder e eficácia nesta época materialista, científica, rebelde, secular, imoral e humanista?

A Chave

A chave que abre a porta para a eficaz comunicação do evangelho se encontra em I Coríntios 2:2. Observe o contexto desse verso. Quando Paulo foi a Corinto, esta era uma das cidades mais idólatras, pagãs, in-

telectuais e imorais do mundo romano. Se alguém queria dizer que uma pessoa era imoral, chamava-a de "coríntia". Quando Paulo olhou para essa cidade e sentiu a direção de Deus para fundar uma igreja ali, o que foi que ele fez? Lembre-se de que não havia nenhum outro cristão nessa localidade. Como ele iria "pregar o evangelho" numa atmosfera alheia à sua própria natureza?

Se pudéssemos fazer pessoalmente essas perguntas a Paulo, talvez ele dissesse: "Minha inteligência sozinha não conseguirá resolvê-lo. Não tenho a lógica ou os argumentos para compelir os coríntios a aceitarem a verdade do evangelho." Que foi que ele fez, portanto? Ele afirmou com positiva fé: "Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado."

Por que essa declaração? Paulo sabia que havia poder na Cruz. Ele sabia que o Espírito Santo toma a singela mensagem da Cruz, com seu amor e graça redentores, e a infunde na vida com autoridade e poder.

Além disso, a obra do Espírito é vital. Os proclamadores do evangelho sempre devem compreender, como Paulo salientou, que o homem natural simplesmente não pode aceitar a verdade de Cristo sem que o véu seja erguido pelo Espírito Santo. Mas o glorioso fato é que o Espírito Santo toma a mensagem e a comunica ao coração e à mente, com poder, removendo toda barreira. Isto é um ato sobrenatural do Espírito de Deus. Nenhum evangelista pode ter o toque de Deus no seu ministério enquanto não compreender estas realidades e pregar no poder do Espírito Santo. Em última análise, o comunicador é o Espírito Santo.

Algumas Suposições Seguras

Quando eu saio e proclamo o evangelho, em toda congregação e em qualquer grupo — quer seja na esquina de uma rua em Nairobi, numa reunião em Seoul, Coréia, num ajuntamento tribal no Zaire, ou num grande estádio na Cidade de Nova Iorque — sei que há determinados fatores psicológicos e espirituais em cada pessoa. Quando começo a comunicar, posso esperar que o Espírito Santo tocará certas cordas no coração de todo ser humano que ouve:

1. Eu sei que as necessidades básicas de meus ouvintes jamais serão totalmente supridas por melhoramentos sociais ou pela afluência material. Isto é verdade ao redor do mundo e em toda cultura. Jesus disse: "A vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui." S. Luc. 12:15.

2. Eu sei que há um "vácuo" em toda vida sem Cristo. Toda a humanidade continua clamando por alguma coisa que ela não pode identificar. Se uma pessoa ganhar um milhão de dólares, ela não ficará satisfeita. Se ela puder descender com o sexo e com todas as formas de sensualidade, isso também não satisfará o profundo anseio interior que continua clamando por satisfação. As pessoas estão vazias sem Deus.

Conversei recentemente com Derek Bok, presidente da Universidade Harvard. Eu lhe perguntei qual era a maior necessidade dos estudantes. Ele pensou por um momento e então respondeu: "Dedicação." Tolstoi expressou-o com acerto, dizendo: "Em toda vida há um vácuo em forma de Deus que só Ele pode preencher." Quando proclamamos o evangelho estamos falando diretamente a essa vacuidade. A pessoa a quem estamos comunicando algo, quer no testemunho pessoal ou perante um grupo, tem uma receptividade inerente à mensagem da Cruz porque só Cristo preenche o vácuo.

3. Eu sei que meus ouvintes experimentam solidão. Alguns a têm chamado de "solidão cósmica". Tenho um amigo numa universidade americana que é psiquiatra e teólogo. Perguntei-lhe certa vez: "Qual é o maior problema dos pacientes que procuram sua ajuda?" Ele pensou um pouco e disse: "Solidão." E acrescentou: "Quando se chega ao âmago da questão, verifica-se que é uma solidão por Deus." Todos nós sentimos algo semelhante. Por exemplo, pode-se estar numa multidão de pessoas, e

até numa reunião social, e, de repente, embora todos em volta estejam rindo, uma solidão inesperada e momentânea se apodera da gente. Isto é "solidão cósmica", e está em toda a parte: solidão nos subúrbios, solidão na América Latina, solidão no Japão — uma solidão que só Deus pode satisfazer. Pode-se admitir que ela existe para as pessoas a quem se está pregando.

4. Sei que meus ouvintes são pessoas que têm sentimento de culpa. Esta é, talvez, a mais universal de todas as experiências humanas, e é devastadora. O diretor de uma instituição mental em Londres, disse: "Eu poderia soltar metade de meus pacientes, se tão-somente encontrasse um meio de livrá-los do sentimento de culpa!" É com isso que tem que ver a Cruz. Quando pregamos a Cristo estamos tratando diretamente do importunante e deprimente problema da culpa. Não precisamos fazer com que as pessoas se sintam culpadas; elas já se sentem assim. Dizei-lhes o que é a culpa; dizei-lhes que ela é rebelião contra Deus, e que a solução é a Cruz!

5. Sei que meus ouvintes participam do medo da morte, que é comum. Não gostamos de falar sobre a morte em nossa geração. Mas a morte é real. Em muitas partes do mundo pode-se ligar a televisão e ver pessoas famosas que faleceram há anos. Parecem estar vivas, mas estão mortas. De algum modo, a televisão, especialmente na sociedade ocidental, procura atenuar o medo da morte. Mas o espectro sempre se acha presente. O sutil temor não pode ser abafado. Há, porém, a gloriosa notícia: Nosso Senhor veio abolir a morte. Em Sua própria morte e ressurreição Ele tornou inoperantes três coisas: o pecado, a morte e o inferno. Esta é a mensagem da Cruz.

Princípios Relacionados com a Comunicação do Evangelho

Todas estas suposições podem ser percebidas quando pregamos a Cristo. O Espírito Santo aplicará a mensagem a essas profundas necessidades. Como, porém, devemos comunicar o evangelho em meio de todas essas suposições?

Comunicamos o evangelho com autoridade. Pregai-o com convicção, sabendo que "a fé vem pela pregação e a pregação pela Palavra de Cristo" (Rom. 10:17). Se tenho uma crítica da moderna educação teológica, especialmente na Europa e na América, é a seguinte: Creio que não estamos dando ênfase à pregação com autoridade.

Em meus primeiros dias, quando comecei a preparar sermões, adquiri um livro de sermões escrito por um famoso pregador do Texas. Peguei dois de seus sermões, bem como alguns esboços, e os proferi umas dez a vinte vezes em voz alta. Em meu primeiro sermão, numa igreja batista da Flórida, eu estava tremendo. Preparara quatro sermões da maneira descrita mais acima, até saber que cada um deles duraria 40 minutos. Levantei-me, e preguei todos os quatro em oito minutos!

Portanto, não fiquéis desanimados. Sede perseverantes. Requer muito esforço preparar mensagens eficazes. Saturai-vos da Palavra de Deus.

Disse Bunnell a sua classe em Princeton: "Se estiverdes pregando sob a unção do Espírito Santo, os ouvintes ouvirão outra 'Voz'. "As pessoas percebem essa outra 'Voz' quando pregais? Estais imbuídos do Espírito? Pregais com a Sua autoridade? Isto é absolutamente essencial para a comunicação do evangelho. Uma razão por que as pessoas ouviam a Jesus era que Ele falava como quem tem autoridade.

Pregai com autoridade. Quando citais a Palavra de Deus, Ele irá usá-la. Jamais permitirá que ela volte vazia.

Certo dia minha esposa estava na famosa livraria Foyles, em Londres. Apareceu um indivíduo muito desalentado e aflito. Ele disse para minha esposa: "A senhora parece ser uma verdadeira cristã. Minha família está dilacerada. Estou à beira do suicídio." Ela replicou: "Bom, por que não vai ouvir Billy Graham hoje à noite na Arena Haringay?" O homem respondeu: "Oh! acho que ele não poderá ajudar-me." Ela entregou-lhe, porém, alguns ingressos, e ele compareceu à reunião. Ela não tornou a vê-lo durante um ano.

No ano seguinte, estávamos de volta ao Estádio Wembley, e minha esposa foi à Livraria Foyles. O mesmo homenzinho veio correndo, e disse: "Oh! Senhora Graham, aquela noite eu fui à reunião e converti-me a Cristo. Agora sou a pessoa mais feliz na Grã-Bretanha!" E acrescentou: "O verso sobre o qual seu marido pregou aquela noite, e que Deus usou para salvar-me, era um verso dos Salmos: 'Sou como o pelicano em o deserto, como a coruja das ruínas.' Sal. 102:6. Minha esposa coçou a cabeça e disse: "Nunca considerei isso um verso evangélico." Mas o homem replicou: "Aquele verso descreveu completamente como eu era, e fui salvo." Podeis ver, portanto, como Deus usa Sua Palavra. Seu poder está

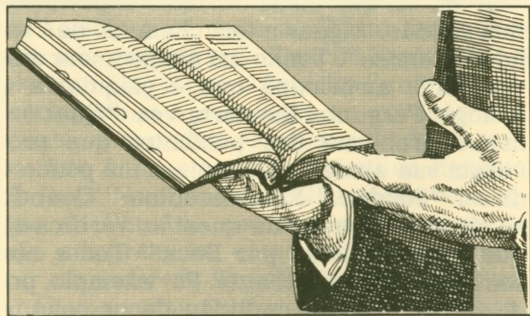
na Palavra.

Pregai o evangelho com *simplicidade*. Em nosso Congresso Sobre Evangelismo em Berlim, em 1965, um dos papéis lidos por um teólogo americano foi muito profundo e complicado. Muitos dos cristãos não entenderam o que ele estava dizendo. Ali se achava o componente de uma tribo, vestido em seus trajes típicos, o qual não conseguiu entender coisa alguma do que disse o "douto" professor. Mas ele dirigiu-se à frente, abraçou o orador e beijou-o na frente de todos. E afirmou: "Não compreendi patavina do que o senhor disse, mas estou muito contente porque um homem que sabe tanta coisa como o senhor está do nosso lado." O sentimento foi admirável! Precisamos transmitir, porém, a mensagem de tal modo que as pessoas possam compreendê-la. Pregai com simplicidade.

Tenho um amigo numa igreja metodista na costa ocidental da América. Ele decidiu apresentar alguma instrução visual para as crianças, aos domingos, antes da hora do culto. Pregava o sermão para as crianças com diapositivos que fazia durante a semana. Para sua surpresa, as pessoas mais idosas começaram a vir mais cedo, lotando a igreja, a fim de ouvir o sermão para as crianças, ao passo que a frequência ao culto das 11 horas estava diminuindo. As pessoas querem simplicidade.

Estou certo de que esse era um dos segredos do ministério de nosso Senhor. A Bíblia declara: "A grande multidão O ouvia com prazer." S. Mar. 12:37. Por quê? Por uma razão central: compreendiam o que Ele dizia.

Pregai com *repetição*. O Prof. Tiago Denney, da Escócia, afirmou certa vez que Jesus provavelmente repetiu o que disse mais de quinhentas vezes. Isto é um incentivo para todo evangelista. O evangelho às vezes pode parecer "antigo" para nós. Mas repeti-o, repeti-o e repeti-o. Ele constitui "boas-novas" para as multidões. Nunca vos canseis de partilhar reiteradas vezes as boas-novas.



Pregai-o com urgência; pregai para obter decisões. As pessoas estão morrendo. Podeis estar falando para alguém que ouvirá o evangelho pela última vez. Pregai com a urgência de Cristo. Pregai para conduzir vossos ouvintes a Cristo. Pregai como Jesus o fez: para um veredicto. O convite ao arrependimento e à fé também faz parte da mensagem.

Comunicando o que Somos

Nunca vos esqueçais de que devemos comunicar o evangelho por uma vida santa. Isto é essencial. Nosso mundo hoje em dia procura principalmente homens e mulheres de integridade, comunicadores que reforçam o seu ministério com sua vida. Vossa pregação promana do que sois. Deveis ser um povo santo. Os que influíram mais profundamente sobre mim não foram os grandes oradores, e, sim, os que têm sido santos homens. Disse Robert Murray M'Cheyne: "Um homem santo é uma terrível arma na mão de Deus." Paulo afirmou: "Subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão." I Cor. 9:27.

Precisamos encarar isso com seriedade. Há três vias de acesso pelas quais o diabo ataca jovens evangelistas (e também pregadores mais idosos): o dinheiro, a moral e o orgulho. Vós evangelistas lutareis com os três durante toda a vossa vida. Estai preparados, pois o diabo porá constantemente armadilhas à vossa frente.

Cliff Barrows e eu resolvemos, quando ingressamos no evangelismo, que formaríamos uma sociedade, teríamos uma diretoria e pagaríamos a nós mesmos um salário fixo. Isso causou agitação. Alguns disseram: "Vocês vão arruinar o evangelismo." Creio, porém, que Deus honrou a maneira como lidamos com as finanças. Nunca devemos trazer descrédito para o evangelismo por causa do dinheiro. Os evangelistas são vulneráveis neste ponto.

Uma vida santa não é meramente negativa. Ela é positiva. Deveis submergir-vos na Palavra de Deus. Deveis ser uma pessoa de oração. Uma vida devocional bem disciplinada é vital ao santo viver.

Então, comunicamos o evangelho por nosso amor ao próximo. "Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros." S. João 13:35. Um leigo, em Boston, entrou audazmente num hotel, aproximou-se de uma mulher e perguntou: "A senhora conhece a Cristo?" Ela falou com o marido sobre isso. Ele disse: "Por

que você não mandou que ele cuidasse de seus próprios negócios?" Ela replicou: "Mas, meu bem, se você tivesse visto a expressão de seu rosto e ouvido o fervor de sua voz quando ele falou, teria pensado que o seu negócio era esse."

Quando falais com as pessoas sobre Cristo, pessoalmente ou na pregação, será que elas pensam que estais cumprindo o que vos compete fazer? Amais realmente as pessoas? Elas sentem vossa compaixão?

Um de nossos evangelistas associados estava pregando numa universidade, na América Central. Ele procurou conquistar os estudantes para Cristo, mas eles lhe deram uma recepção hostil, principalmente uma moça. Após a reunião, essa jovem (que estava fazendo o doutorado) aproximou-se dele e disse: "Não creio em coisa alguma dessa lavagem." Ele respondeu: "Bom, lamentado que você não concorda com o que foi declarado, mas permite que eu ore por você?" Ela retrucou: "Bom, nunca alguém orou por mim. Acho que não fará mal." O pastor curvou a cabeça, mas a jovem continuou olhando para a frente, com aspecto desafiador. Enquanto ele orava pela conversão dessa moça, as lágrimas começaram a deslizar-lhe pela face. Quando ele abriu os olhos, ela estava chorando, e disse: "Em toda a minha vida, nunca alguém me amou a tal ponto que derramasse uma lágrima por mim!" Eles sentaram-se num banco, e aquela moça aceitou a Jesus como seu Salvador. Quantos de nós temos tanto amor pelas almas que chegamos a derramar lágrimas?

Também comunicamos o evangelho por compassiva *solicitude social*. Isto está contido no amor que devemos manifestar aos outros. Creio que há um envolvimento social recomendado nas Escrituras. Olhai para o nosso Senhor. Ele tocou no leproso; podeis imaginar o que significou para esse leproso ser tocado, quando tinha de clamar constantemente: "Imundo! Imundo!"? Mas Jesus tocou nele. O Mestre estava ensinando por preceito e por exemplo que temos uma responsabilidade para com os oprimidos, doentes e pobres (S. Lucas 4:18 e 19). Quando penso nos milhões que morrem de fome, quase não posso comer o meu alimento. Cem mil pessoas morrerão este ano de sede na Etiópia — não de fome, mas de sede. Não conseguem água, e muito menos alimento! E esse país é somente uma parte do mundo.

Lembraí-vos, porém, de que a Igreja vai ao mundo com uma outra dimensão além de

sua solicitude social. Nós vamos no nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Estendemos a mão para suprir necessidades e dar, mas devemos sempre dizer: "Isto é dado no nome de nosso Senhor Jesus Cristo". Assim, isso nunca se torna mero humanitarismo. Nós damos porque Deus deu....

Quando Martin Luther King, Jr., recebeu o Prêmio Nobel da Paz em Estocolmo, perguntaram-lhe: "Onde obteve sua motivação?" Ele respondeu: "Das pregações evangélicas de meu pai."

Finalmente, comunicamos o evangelho por nossa *unidade no Espírito*. Quão vital é compreender que se permanecermos unidos nestas sugestões, mas compreendermos também que há diversidade na unidade, poderemos transtornar o mundo para Cristo, como os cristãos primitivos foram acusados de fazer em sua geração. Temos nas mãos os instrumentos para evangelizar o mundo antes do fim deste século. Pela primeira vez na História, a possibilidade de cumprir a Grande Comissão está ao nosso alcance.

PONTES DE DEUS PARA O EVANGELISMO

EFREN PAGÁN IRIZARRY

Diretor de Ação Missionária e Escola Sabatina da Associação Oeste de Porto Rico

"Ponte de Deus" é qualquer meio ou estratégia que o Espírito Santo possa usar para comunicar a mensagem de reconciliação a um inconverso, por intermédio de um crente. Neste artigo são mencionadas algumas dessas pontes mais comumente usadas para o evangelismo.

O homem caído em pecado é apresentado na Bíblia como separado de Deus (Isa. 59:2). É como se a transgressão fizesse com que, entre Deus e o pecador, se produzisse um abismo que impõe uma separação impossível de ser superada pelo próprio homem. No entanto, "para Deus nada é impossível" (S. Luc. 1:37, Almeida, antiga). Em Seu amor, Deus "deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (S. João 3:16). Por meio do sacrifício de Cristo na cruz do Calvário, "vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo" (Efés. 2:13). O que era impossível para o homem tornou-se possível graças a nosso Senhor Jesus Cristo.

É nesse sentido que nos referimos a nosso Senhor como a uma ponte que possibilitou a aproximação do pecador contrito, sob a influência do Espírito Santo, a Deus. Cumpre destacar o fato de que Cristo é a única ponte que pode unir-nos a Deus. Como Jesus mesmo claramente o disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim." S. João 14:6. O apóstolo Pedro o confirma, dizendo: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12.

Aqueles que já foram reconciliados com Deus por meio de Cristo são convidados a empenhar-se no "ministério da reconciliação" (II Cor. 5:18). Com esse termo o apóstolo Paulo designa o privilégio de cada pessoa reconciliada com Deus colaborar com Ele na obra de ajudar aqueles que ainda estão separados de Deus a experimentar a reconciliação. Como se pode fazer isto? Agora é o momento de apresentar o conceito "pontes de Deus para o evangelismo". Esta expressão não é original do autor deste artigo. Há alguns anos, o Dr. Donald A

McGavie publicou um livro sob o título: *As Pontes de Deus*.¹ De todas as maneiras, o autor adotou este termo para identificar um método de evangelismo usado no Novo Testamento (talvez devêssemos dizer "o" método de evangelismo do Novo Testamento). "Ponte de Deus" é qualquer meio ou estratégia que o Espírito Santo possa usar para comunicar a mensagem de reconciliação a um inconverso, por intermédio de um crente. A seguir, desejamos fazer referência a algumas das pontes de Deus mais comumente usadas para o evangelismo.

A Ponte do Parentesco

A primeira dessas pontes é a do parentesco. Está ilustrada no relato do testemunho de André. A Escritura Sagrada nos diz que depois de conhecer a Jesus pessoalmente, André foi falar com seu irmão Pedro. Suas palavras entusiásticas para o irmão foram as seguintes: "Achamos o Messias." S. João 1:41. Em seguida, o relato nos diz que ele "o levou a Jesus" (v. 42). Foi então que Simão recebeu o seu novo nome: Pedro, e um novo trabalho como discípulo de Cristo e futuro pescador de homens.

É necessário salientar o fato de que André dirigiu-se primeiro a seu irmão. Estava alegre por haver falado pessoalmente com Aquele que João Batista indicara como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (v. 29). Queria partilhar com alguém esse gozo que lhe enchia o coração. Buscou então a seu irmão. Por quê? Por que não se acercou da primeira pessoa que encontrou no caminho?

Entre André e Pedro havia uma relação duplamente estreita. Eram unidos pela ponte do parentesco: eram irmãos. Conheciam-se muito bem. Tudo parece indicar que esses dois irmãos mantinham e cultivavam uma boa relação familiar. Além disso, parece que ambos tinham profundos princípios religiosos. Se Pedro havia escutado a pregação do Batista, estava inteirado de suas declarações a respeito do Messias. Por interesse genuíno ou mera curiosidade, queria conhecer o Messias. Sua vida posterior evidencia que, mais do que simples curiosidade, seu interesse nas promessas de Deus e em sua própria salvação era genuíno. Deus poderia ter usado meios diferentes para atraí-lo a Si, mas escolheu a ponte do parentesco, valendo-se do irmão de Pedro, André.

Quando uma pessoa está cedendo à influência do Espírito Santo sobre o seu cora-

ção, os primeiros a notá-lo serão seus parentes mais próximos. É impossível que isso passe despercebido para eles. Por isso, uma pessoa genuinamente convertida, embora não esteja muito versada na teoria da verdade, ao haver experimentado a verdade no seu coração, transforma-se num espetáculo, num testemunho vivo aos olhos de seus parentes e dos indivíduos que lhe são mais chegados.

A verdade será comunicada rápida e eficazmente através da ponte do parentesco. Isso é visto na Bíblia e se confirma na experiência de qualquer igreja em crescimento. Quando um verdadeiro converso se une à Igreja, geralmente é seguido por vários ou muitos de seus familiares.

A Ponte da Amizade

A ponte seguinte para o evangelismo, em nossas considerações, é a ponte da amizade. Vejamos um caso bíblico que serve de ilustração: a experiência de Filipe. A Bíblia declara que Jesus encontrou-se com ele na Galiléia e lhe disse: "Segue-Me." V. 43. Filipe seguiu-O então. O relato assinala que Filipe, por sua vez, encontrou a Natanael, e disse-lhe: "Achamos Aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas, Jesus, o Nazareno, filho de José." V. 45. O resto da história é bem conhecido.

Importa salientar o fato evidente de que Filipe e Natanael eram amigos. A amizade era íntima e sincera, e parece que os unia o mesmo interesse espiritual. Quando Filipe descobriu com alegria a identidade do Messias, foi até onde estava seu amigo para partilhar com ele sua convicção precoce. Foi ter com seu amigo Natanael porque o amava, conhecia suas ansiedades e queria torná-lo participante do que para ele se transformara num sonho realizado.

Desde então e até o momento presente, Deus tem usado a ponte da amizade para comunicar as grandes notícias acerca de Sua graça. Deus necessita ainda, e talvez com mais urgência do que antes, de Filipes que levem a seus amigos as boas-novas da salvação em Cristo.

A Ponte da Associação

A terceira ponte de Deus para o evangelismo pode ser chamada de "associação". Com este termo queremos identificar aquelas relações que nos unem a pessoas que, embora não sendo familiares, nem amigos

personais, estão ligadas a nós por serem vizinhos ou companheiros de trabalho, estudo, passatempo, etc.

Um caso bíblico que ilustra a idéia é o relato nos primeiros versos do capítulo 18 do livro de Atos. Esse trecho nos fala de um casal que fugiu da Itália devido à perseguição dos judeus por parte do Imperador Cláudio. Eles acabaram estabelecendo-se em Corinto (v. 2). Áquila e Priscila se dedicavam ao ofício de fazer tendas (v. 3). Por esses dias Paulo havia chegado à mesma cidade. A Bíblia diz: "Posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles, e trabalhavam." V. 3.

Observemos que não eram parentes, nem amigos, mas praticavam o mesmo ofício, e isso serviu para uni-los. Esse foi o ponto de partida para a obra de Deus através de Paulo em favor deles. Graças ao contato com Paulo, não somente se tornaram cristãos, mas distinguiram-se mais tarde como fervorosos obreiros de Cristo.

Conclusão

Conquanto estas não sejam absolutamente as únicas pontes de Deus para o evangelismo, costumam ser as mais comuns. Foi

assim desde o princípio da obra da Igreja cristã. "Cristo escolheu primeiro algumas pessoas, e convidou-as a segui-Lo. Então elas foram em busca de seus parentes e conhecidos, e os conduziram a Cristo. Este é o método com que devemos trabalhar." — *Ministério de la Bondad*, pág. 64.

Também nos é declarado que "as primeiras obras da Igreja foram vistas quando os crentes buscaram seus amigos, parentes e conhecidos e, com o coração transbordando de amor, contaram a história do que Jesus era para eles" (*Idem*, págs. 68 e 69).

Uma ponte não pode ser usada enquanto não houver sido construída. Isto significa que devemos buscar os meios de estabelecer ou construir as pontes do parentesco, da amizade e da associação. A prática na vida diária do verdadeiro amor desinteressado, da paciência, da mansidão e dos outros frutos do Espírito Santo possibilitará o estabelecimento dessas pontes. Uma vez construídas, podemos passar por elas para cumprir a comissão evangélica: pregar a Cristo e conduzir os perdidos a Ele.

Referência

1. Donald A. McGavian, *The Bridges of God* [Nova Iorque, Friendship Press, 1955].

EXERCÍCIO — UMA LEI DA VIDA

DRA. IRMA B. DE VYHMEISTER

Diretora-associada do Departamento de Saúde e Temperança da Associação Geral

Compreender o valor do exercício e descanso, e considerá-los uma prioridade na vida diária, terá grande impacto sobre a saúde do pastor e de cada membro da igreja. Acrescentará uma nova dimensão à vida, ativará e reforçará o poder intelectual e criativo, e manterá o organismo sadio, forte e vigoroso.

Um, dois, três... Os anciãos e as anciãs seguem o ritmo do professor de ginástica, saltam, movem o tronco, os braços e as pernas, e o fazem com desembaraço, dando to- no aos músculos flácidos.

Pelos caminhos, praças e calçadas, jovens trotam suarentos devido aos esforços, mas ágeis e leves. São seguidos por homens e mulheres adultos, e até por anciãos.

Nos ginásios tão populares hoje em dia, milhares de pessoas enfrentam e usam toda a espécie de instrumentos para exercitar os diversos membros do organismo.

Num congresso de temas intelectuais,

anuncia-se um recreio para fazer exercícios calistêmicos. Todos participam para depois continuar mais descansados com as deliberações dos temas.

Sem dúvida, esta é uma nova era: a era do exercício. Nos programas altamente viáveis são anunciados os benefícios de um corpo em ação e movimento.

Compreender o valor do exercício e descanso, e considerá-los uma prioridade na vida diária, terá grande impacto sobre a saúde do pastor e de cada membro da igreja. Acrescentará uma nova dimensão à vida, ativará e reforçará o poder intelectual e criativo, e manterá o organismo sadio, forte e vigoroso.

A palavra exercício — “exercere” — em latim, se compõe do prefixo *ex*, que significa “sem”, e da palavra *arcere*, que significa “manter-se afastado”. A união dos dois vocábulos para formar a palavra exercício confere a esta última o significado de “sem manter-se afastado”, que bem podemos visualizar.

“Deus fez o homem reto”, disse o sábio Salomão, e em mais de um sentido. O homem é o único ser criado que possui duas mãos e dois pés e tem uma postura ereta ao caminhar. Os símios têm quatro mãos. O que permite o deslocamento vertical do ser humano ao caminhar é o sistema ósseo segmentado, com os músculos, tendões e nervos. É interessante estudar como um osso encaixa noutro e permite o movimento numa direção. Outros, como a coluna vertical, podem mover-se em várias direções, graças aos discos e sua estrutura. Os ossos dão estabilidade ao corpo humano.

Para formar a estrutura óssea e muscular necessitamos da matéria prima contida nos alimentos. Desde que a primeira célula inicia o processo da vida, torna-se necessária a presença dos nutrientes dos quais dependerá o crescimento e a manutenção do ser humano.

O cálcio, o fósforo e o magnésio participam na formação dos ossos e dos dentes, ajudados pelo sódio, potássio e flúor. Mais de 40 nutrientes fazem parte desse maravilhoso mecanismo humano, formando tecidos com proteínas, regulando as funções com vitaminas e minerais, e usando a energia de carboidratos e gorduras para exercer essas funções.

A alimentação é um fator essencial no crescimento e na manutenção da estrutura óssea que constantemente se desdobra e se reforma. Investigações descritivas encontraram uma diferença na densidade do te-

cido ósseo em pessoas de 50 a 89 anos de idade que usam uma alimentação onívora, em comparação com os da mesma idade que usam uma alimentação vegetal. As pessoas onívoras haviam perdido 35% da massa óssea, em comparação com a perda de 18% dos que usavam uma alimentação vegetal.

É interessante notar que noutras experiências, os que consumiam alimentos de elevado teor de proteína (140 gramas) excretavam mais cálcio na urina do que aqueles que consumiam uma quantidade menor (45 gramas). A densidade óssea era menor nas mulheres onívoras. Isto pode indicar maior incidência de osteoporose nas mulheres onívoras em idade avançada.

Tem-se declarado com certeza que “a ação é uma lei da vida”. Os efeitos fisiológicos são admiráveis. Sem fazer exercício, os músculos e os ossos perdem sua integridade e força. Este é um problema que tem de ser levado em conta nas viagens espaciais.

No sistema digestivo, o exercício tonifica os músculos que efetuam os movimentos peristálticos. Antes e depois de comer deve-se evitar os movimentos violentos. Mas os exercícios moderados, como andar, são benéficos. E o exercício não aumenta o apetite, como muitos pensam. A pessoa não é tentada a comer em excesso. Numa pesquisa, 50% dos esportistas que participavam em corridas não tinham apetite por um período de meia hora a uma hora e meia depois de correr.

Para evitar mal-estares ou acidentes, devemos começar a fazer exercício gradualmente, se não estamos acostumados. Calcula-se que antes de começar a trotar com regularidade, uma pessoa deve andar vigorosamente pelo menos meia hora diária, por um mês. O exercício violento e esporádico não cumpre sua finalidade.

Kenneth Cooper, que é um porta-voz de exercícios aeróbios e que tem entusiasmo milhões de pessoas a segui-los, declarou que os melhores exercícios são andar vigorosamente, trotar, a calistenia, nadar, e andar de bicicleta, além de esportes, como o tênis e outros. O mais eficaz e o mais fácil é caminhar vigorosamente, se for feito consistentemente.

O exercício aumenta o intercâmbio de gases nos pulmões, expelindo o anidrido carbônico e absorvendo o oxigênio no sangue para levá-lo aos tecidos. A respiração nas células é mais completa e o oxigênio está disponível para os processos metabólicos, a fim de usar melhor as calorias dos alimen-

tos. O número de respirações aumenta, como também as batidas do coração.

A circulação do sangue torna-se mais vigorosa com o exercício. O coração acelera as pulsações, o que impele o sangue mais completamente através de todo o corpo. Isto abre os vasos sanguíneos colaterais para alimentar eficazmente todas as áreas do organismo. Ajuda a fortalecer os músculos do coração, o qual pode expulsar mais sangue em cada pulsação. Os músculos das pernas exercem um movimento de "ordenha" sobre as veias, que podem então devolver o sangue ao coração contra a força da gravidade.

Lemos em *A Ciência do Bom Viver*, páginas 236-240: "A atividade é uma lei de nosso ser.... A inatividade é prolifera causa de moléstias.... Aqueles cujos hábitos são sedentários devem, quando o tempo permitir, fazer exercício ao ar livre todos os dias, de verão e de inverno.... Tal exercício seria, em muitos casos, melhor para a saúde, do que medicamentos."

Para baixar o peso, o exercício em si não tem sido tão eficaz. No entanto, em experiências realizadas na Universidade de Loma Linda, o exercício e uma alimentação hipocalórica combinados demonstraram ser mais eficazes para baixar o peso do que só a alimentação.

As pessoas que combinavam a alimentação e o exercício tinham menos apetite, desenvolviam uma atitude mais positiva para com a vida, e, como um grupo, perderam dois quilos mais, em termo médio por pessoa, do que o grupo que não fazia exercício. Algumas pessoas no grupo normalizaram a tolerância à glicose durante esse período.

Investigou-se em camundongos o efeito do exercício e da restrição calórica sobre uma droga que provoca infartos do miocárdio. A restrição calórica e o exercício em programas separados ou combinados protegiam o animal dos efeitos da droga.

Não se deve começar um programa de exercício vigoroso se não se fez exercício anteriormente. O médico poderá dizer-lhe se tem um coração sadio e pressão normal. Deve começar a exercitar-se pouco a pouco, dia a dia. Mas faça exercício. Ao começar a andar vigorosamente e a trotar, tome o pulso. Siga estas instruções.

1. Tome o pulso ao levantar-se. Este se chama pulso de descanso, e varia de 40 e 80 pulsações, normalmente.

2. Subtraia de 200 os anos acima de vinte, que você tem. Este é o pulso máximo. Se você tem 45 anos, subtraia 25 de 200; é

igual a 175.

3. Subtraia de 175 seu pulso ao levantar-se. $175 - 64 = 111$.

4. Multiplique 111 por 0,6 = 66 (0,6 é uma constante).

5. Some seu pulso ao levantar-se: $64 + 66 = 130$.

Esse pulso de 130 batidas por minuto é o máximo que você, em sua idade, pode alcançar ao fazer exercício vigoroso, como trotar, correr, andar de bicicleta, e outros.

Como se pode despertar mais entusiasmo na igreja para fazer exercício e conservar melhor a saúde?

1. Entusiasme com seu exemplo os membros da igreja. Faça um programa de exercício para você e sua família.

2. Promova aulas de exercícios.

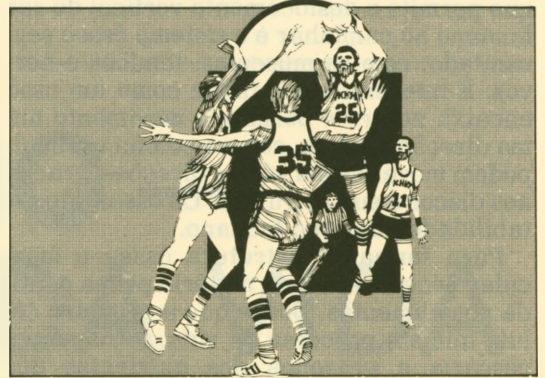
a. Calistenia ou ginástica para maior bem-estar físico.

b. Aulas para trotar e corridas.

c. Correr uma maratona.

d. Outros esportes sadios.

3. Desenvolva um clube de saúde entre os jovens, e também entre os adultos. Se não têm um ginásio ou campo de esportes, procurem um lugar onde possam fazer exercício e brincar.



A responsabilidade desses clubes é prover diferentes atividades para seu grupo e para a igreja.

a. Exame regular de saúde para a igreja e a comunidade. Aprendam os jovens a tomar o pulso, a tomar a pressão do sangue, a pesar e medir a estatura, e a ver a condição física.

b. Planejar acampamentos para jovens e suas atividades.

c. Passeios para o sábado à tarde, ou aos domingos.

d. Marchas, tênis em cancha ou de mesa.

e. Natação; passeios de barco.

f. Passeios de bicicleta.

g. Passeios à montanha, para andar lon-

gas distâncias.

4. Introduza outras atividades, como hortas caseiras, jardinagem, aulas de arte culinária, e aulas de saúde.

5. Se há profissionais na igreja, como médicos, dentistas, enfermeiras, nutricionistas, planeje cursos de primeiros socorros, anatomia e fisiologia, aulas de fisiologia do exercício, e programas para a comunidade.

6. Planeje com a igreja uma feira de saúde, com diversas atividades para o público, como medir alguns parâmetros físicos, filmes, diapositivos, exposições, demonstra-

ções, etc. Eduque a igreja para fazê-lo.

Disse Ellen G. White: "Ministros, professores, alunos, e outros obreiros intelectuais, sofrem freqüentemente doenças provenientes de pesado esforço mental não atenuado pelo exercício físico. O que essas pessoas precisam é de uma vida mais ativa. Hábitos de estrita temperança no viver, ao lado do conveniente exercício, assegurariam vigor tanto físico como mental, dando capacidade de resistência a todos os obreiros que trabalham com o cérebro."

Comece hoje a era do exercício em sua vida! Você não está só. Milhões o seguem.

INCENTIVANDO OS MEMBROS

WAYNE OWEN

Pastor da Igreja do Colégio Monte Pisga, Carolina do Norte, Estados Unidos

A competição interessa às pessoas, e por este motivo tem desempenhado uma parte muito significativa em nossas igrejas.

Atua como grande motivador, mas inevitavelmente alguém terá de perder. E o impacto negativo sobre os perdedores torna a competição totalmente inaceitável como estratégia motivacional dentro da igreja.

Levar alguém a assumir uma posição de liderança na igreja é uma luta enfrentada por muitos pastores. O pastor que encontra as primeiras pessoas escolhidas pela comissão de nomeações dispostas a servir pode considerar-se feliz. Visto que poucos membros da igreja consideram a obra da igreja com tanta seriedade como os pastores gostariam que fizessem, o trabalho do pastor muitas vezes consiste em estimular constantemente as pessoas a desempenhar eficazmente as suas funções.

O fluxo de programas produzido pela maioria das denominações ilustra a necessidade de que o pastor seja um incentivador persuasivo e incansável promovedor. Infelizmente, poucos desses programas têm demonstrado o êxito que os seus inventores julgavam possível. A falta de execução não se deve necessariamente à elaboração deficiente desses programas. Na maioria das vezes, as igrejas não captam a visão e não enxergam as possibilidades.

Ellen G. White, que era eficiente motivadora e dirigente de igreja, recomendou que o pastor, ao assumir um novo pastorado, "deve não buscar tanto, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja em prestar uma cooperação proveitosa".¹ Esse alvo de ajudar os membros tanto a crescer como a trabalhar pelos outros só poderá ser alcançado quando os membros forem estimulados a trabalhar juntos. Salientando o papel do pastor como incentivador, Ellen White escreveu: "Nada de perdurável poder ser realizado pelas igrejas em vários lugares, a menos

que despertem para sentir que pesa sobre elas uma responsabilidade."²

Em seus esforços para incentivar, os pastores têm experimentado métodos que variam desde infundir sentimentos de culpa e vergonha, até suborno, coerção e mesmo, nalguns casos, chantagem. Os avanços na administração comercial nos últimos quarenta anos nos dão alguns vislumbres dos princípios da motivação. Esses princípios administrativos se aplicam à obra do pastor: "Em alguns respeitos, o pastor ocupa uma posição idêntica à do mestre de um grupo de operários, ou de um capitão de navio. Deles se espera que vejam que os homens sobre quem se acham colocados façam a obra que lhes é designada, pronta e corretamente, e só em caso de emergência precisam eles executar os detalhes."³

Muitos pastores com algum conhecimento nos negócios gostariam de controlar a remuneração monetária do trabalho que é efetuado dentro da igreja. Eles gostariam de poder dar aumentos a algumas pessoas e reduzir o ordenado de outros indivíduos. Mas os pastores trabalham com voluntários, e não com empregados. Eles precisam usar outros princípios motivadores.

Compreendendo a Motivação

No mundo comercial há muitas teorias de motivação como resultado da luta deste século para aumentar a produção e manter ao mesmo tempo a satisfação dos trabalhadores. No mundo hodierno, o gerente precisa ser muito competente para cumprir os alvos da companhia. Ele tem de esforçar-se para reduzir a quantidade de ausências dos empregados e aumentar sua produção, mantendo ao mesmo tempo o máximo nível de qualidade. Douglas McGregor, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, delineia a percepção da atitude das pessoas para com o trabalho que durante décadas influenciara a administração. Esse conceito (que ele chama de Teoria X) era o seguinte: 1. O ser humano de termo médio tem aversão inerente ao trabalho, e o evitará, se puder fazê-lo. 2. Devido a essa característica humana de aversão ao trabalho, a maioria das pessoas precisam ser coagidas, controladas, dirigidas ou ameaçadas de punição para que façam adequado esforço na realização dos objetivos organizacionais. 3. O ser humano de termo médio prefere ser dirigido, quer evitar responsabilidades, tem relativamente pouca ambição, e acima de tudo deseja ter segurança.⁴

A Teoria X originou uma série de técnicas motivacionais que McGregor identifica como o sistema "da cenoura e da vara" (recompensa e castigo). Alguns pastores encaram a igreja de acordo com a Teoria X, não compreendendo que o método da cenoura e da vara não funciona. A maioria dos cargos da igreja não oferecem suficientes recompensas diretas para incentivar os que são convidados a ocupá-los. E usar a "punição" ou o reforço negativo numa organização voluntária é contraproducente, e até pode afugentar os membros.

Por outro lado, sua Teoria Y, baseada nas pesquisas de anos recentes, propõe outro conceito sobre os prováveis obreiros: 1. Os seres humanos dependem esforço físico e mental no trabalho com tanta naturalidade como brincam ou descansam. 2. O controle externo e a ameaça de punição não constituem o único meio de obter esforço para que sejam cumpridos os objetivos organizacionais. As pessoas exercerão domínio-próprio na realização de objetivos que atraem sua dedicação. 3. A dedicação aos objetivos é uma função das recompensas relacionadas com sua realização. 4. O ser humano de termo médio aprende, sob condições apropriadas, não somente a aceitar, mas também a procurar responsabilidades. 5. A capacidade de exercer um grau relativamente elevado de imaginação, habilidade e criatividade na solução de problemas organizacionais está amplamente distribuída na população. 6. Sob as condições da moderna vida industrial, a capacidade intelectual do ser humano de tipo médio só é utilizada parcialmente.⁵

Ambas essas teorias estão baseadas no conceito geral de que as pessoas fazem alguma coisa porque são impelidas a fazê-lo.⁶ O que as impele é o centro da questão. A Teoria X afirma que forças extrínsecas impelem as pessoas, e a Teoria Y sugere que isto sucede por meio de forças intrínsecas. A Teoria Y provavelmente reflete mais corretamente a realidade da Igreja. As suposições básicas que o indivíduo tem dos membros de sua igreja determinarão em grande parte sua eficiência como agente motivador.

E que abrangem essas forças intrínsecas? Além da influência regeneradora e motivadora do Espírito Santo, os membros têm certas necessidades que precisam ser supridas antes que eles atuem devidamente na igreja. O pastor prudente conhece os princípios que governam a conduta individual — por que as pessoas procedem da maneira como o fazem. De acordo com Su-

sana Schaefer, isso constitui motivação.⁷

O Dr. Abraão Maslow sugere que todo indivíduo precisa satisfazer cinco necessidades. Quando estas necessidades são supridas, elas não incentivam mais as pessoas. As necessidades primárias e universais que Maslow vê, são fisiológicas: alimento, repouso e abrigo. Ele declara que quando essas necessidades básicas são satisfeitas, a pessoa procura satisfazer em seguida a necessidade de segurança, depois a de relações sociais e respeito próprio, e, finalmente, a de realização pessoal.

Frederico Hersberg apresenta outro modelo popular de motivação. Ele afirma que o reconhecimento pessoal, a importância do trabalho e a oportunidade de progresso incentivam as pessoas. Segundo sua opinião, a necessidade de respeito próprio está detrás desses fatores impelentes.

A teoria motivacional conhecida como *Dissonância Cognitiva* completa a perspectiva da Teoria Y. A dissonância cognitiva indica simplesmente que a pessoa obtém o que espera dos outros. Se espera incompetência, obterá incompetência; se espera competência e centraliza a atenção nela, obterá realizações competentes. A aplicação à igreja é óbvia. O pastor que tem fé e visão verá as coisas acontecerem. Será capaz de inspirar confiança por meio de Cristo.

A teoria da *Causação Pessoal* também é muito útil para a motivação da igreja. Essa teoria assevera que a necessidade de causar modificações no ambiente pessoal é um motivador primário. "A maioria das pessoas não quer que sua vida seja determinada e manipulada, ou que se torne um juguete."⁸

Estratégias Para Motivação

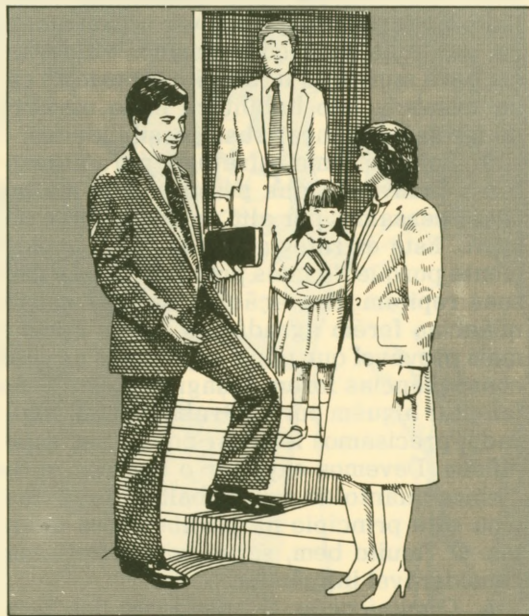
Não precisamos determinar qual das teorias acima retrata mais acuradamente a motivação humana. Os vislumbres proporcionados por essas teorias sugerem diversas estratégias possíveis para motivar as pessoas. Colocá-las, porém, num invólucro que os administradores de igreja possam usar constitui um verdadeiro desafio. O pastor precisa olhar para estratégias que, embora sejam altamente eficazes, não comprometem os ideais da igreja. Examinemos oito possíveis estratégias para motivação.

1. *Competição*. Durante anos os pastores têm dependido da competição para incentivar a igreja. (Um exemplo freqüente é a campanha de levantamento de fundos em que a igreja se divide em grupos competitivos — com algum dispositivo relacionado

com o alvo.) A competição interessa às pessoas, e por este motivo tem desempenhado uma parte muito significativa em nossas igrejas. Atua como grande motivador, mas inevitavelmente alguém terá de perder. E o impacto negativo sobre os perdedores torna a competição totalmente inaceitável como estratégia motivacional dentro da igreja. Os que desejam incentivar as crianças usam a competição com muita freqüência, e o infeliz resultado tem sido a perda do respeito próprio dessas vítimas altamente vulneráveis.

Até igrejas inteiras podem ter baixo índice de respeito próprio. Isto muitas vezes tem sido fomentado inconscientemente por pastores insensíveis ou por departamentais que lançam uma igreja contra a outra, embora sua formação e circunstâncias sejam diferentes, numa tentativa de alcançar alvos financeiros e de campanhas. O pastor solícito não correrá o risco de causar a crianças, adultos ou igrejas o dano inerente na competição com os outros.

O pastor pode usar com segurança uma forma de competição como motivador: a competição consigo mesmo. A comparação com o próprio desempenho do indivíduo pode ser um excelente motivador quando promana do desejo do indivíduo de oferecer o melhor para o Senhor. Os pastores se encontram numa posição singular para estimular os membros à perfeição em Cristo. Eles podem exaltar a Cristo como o ideal, e apresentar a certeza bíblica de que "para Deus tudo é possível".⁹



2. *Respeito Próprio.* Nada tem maior impacto sobre a motivação do que o respeito próprio. O enfoque da edificação e proteção do respeito próprio das pessoas é um fenômeno bastante recente. Roberto Schuller afirma que isso constitui a nova reforma que está surgindo dentro da igreja.¹⁰

Numa organização voluntária, o elevado respeito próprio dos voluntários é uma absoluta necessidade para manter o seu interesse e constante apoio. Ao demonstrar a importância do respeito próprio, Bernardo Rosenbaum se refere às descobertas de Abraão Koramn: 1. Os indivíduos a quem se diz que são incompetentes para alcançar um alvo ou tarefa específicos, mesmo que não tenham tido nenhuma experiência prévia nessa tarefa, terão pior desempenho do que aqueles a quem se diz que são competentes para alcançar os alvos das tarefas. 2. A habilidade percebida pela própria pessoa com base em desempenhos anteriores está relacionada positivamente com desempenhos posteriores. 3. Quanto mais uma pessoa falhou no passado, tanto menos ela aspirará no futuro. 4. Grupos que fracassaram anteriormente estabelecem alvos de certas maneiras que aumentam a probabilidade de fracassarem outra vez. 5. Indivíduos e grupos com baixo respeito próprio têm menos probabilidade de alcançar alvos difíceis que eles estabeleceram para si mesmos, do que os indivíduos com elevado respeito próprio.¹¹

O pastor solícito é não somente um grande defensor do respeito próprio dos membros de sua igreja, mas também do grupo todo. Ele fará tudo que estiver ao seu alcance, por suas pregações, ensinamentos e liderança, para aumentar o respeito próprio de cada membro. Isto habilitará cada membro da igreja a alcançar suas possibilidades.

3. *Reforço.* Uma estratégia para aumentar a motivação das pessoas, que muitas vezes passamos por alto, é a do reforço positivo. Esta estratégia surte efeito simplesmente porque "é mais provável que as pessoas repitam uma ação se as suas conseqüências forem agradáveis, assim como é mais provável que não a repitam se as suas conseqüências forem desagradáveis."¹² Ao felicitar alguém por um trabalho bem realizado, precisamos lembrar-nos de ser específicos. Devemos explicar o que nós apreciamos quanto ao seu trabalho. Jesus ilustrou este princípio na parábola dos talentos. O "muito bem, servo bom e fiel" tem considerável influência.

4. *Comunicação.* O presidente dos Esta-

dos Unidos, bem como todos os candidatos políticos e as companhias, sabem que um bom secretário de imprensa é uma absoluta necessidade. Dentro da estrutura da igreja deve haver boa comunicação. Todo membro precisa saber o que está sucedendo, quando e por quê. A falta de informação aumenta a desconfiança e a apatia. O pastor que deseja incentivar sua igreja usará todos os meios possíveis para facilitar a comunicação.

As comissões de igreja, bem como o pastor, precisam reconhecer o valor da comunicação nos dois sentidos. Muitas vezes a comissão da igreja luta com um difícil problema financeiro que seria resolvido rapidamente se fosse apresentado a toda a congregação.

5. *Estabelecimento de Alvos.* A maioria das igrejas que encaram com seriedade sua missão para com o mundo estabelecem alvos. Nos últimos anos tem-se escrito muita coisa sobre a importância de estabelecer alvos. Teorias organizacionais, como a administração por objetivos e o modelo sistemático de organização, têm salientado a importância dos alvos. Mas o potencial motivador do estabelecimento de alvos quase tem sido totalmente negligenciado na atividade organizacional dentro da igreja. A comissão da igreja discute, e, finalmente, formula os alvos. Então o pastor e a comissão esperam que os membros se arremetam para alcançar esses alvos com os quais nada tiveram que ver, e em que, nalguns casos, nem sequer estão interessados. Um dos princípios da motivação é que a pessoa só procurará alcançar objetivos em que esteja empenhada. Os pastores precisam procurar meios de envolver toda a congregação na produção de genuínos alvos e objetivos de igreja. Uma vez que os membros se imbuam dos alvos, eles desenvolverão a motivação para alcançá-los.

6. *Avaliação do Desempenho.* Nossa primeira reação à idéia de avaliação talvez seja de insensível e apático temor. Mas o obreiro voluntário precisa saber que o seu trabalho é suficientemente importante para ser examinado. Podemos diminuir o medo sugerindo que ele faça sua própria avaliação de seus esforços. Isto confere à comissão da igreja, ou preferivelmente à comissão revisora do programa,¹³ alguma coisa a ser recompensada. Se o obreiro visitou com êxito vinte e sete lares em sua vizinhança, teríamos uma boa base para dar-lhe as nossas felicitações pelo trabalho bem realizado.

7. **Preparo.** Uma maneira segura de estimular uma pessoa a realizar determinado serviço é ajudá-la a vencer o seu medo desse serviço. O adestramento constitui um dos passos para ajudar o obreiro a alcançar a competência. A menos que o obreiro voluntário obtenha o sentimento de satisfação de um trabalho bem realizado, ele terá pouco desejo de continuar nessa posição. Todo o preparo realizado deve preceder a sua atuação nesse trabalho. Depois que alguém desempenhou deficientemente as funções de um cargo, quase é impossível reabilitá-lo para esse serviço. E, muitas vezes, quando uma igreja confere uma posição a alguém sem prover-lhe preparo ou orientação, a igreja não espera que aconteça muita coisa. Os resultados estarão de acordo com o princípio da dissonância cognitiva: "Se esperamos incompetência, nós a obteremos." Isto também faz com que o membro encare o trabalho da igreja como sem importância. O indivíduo tenderá, então, a tratar todos os outros cargos da igreja na mesma base. Cristo, em Sua associação com os Doze, ilustrou a importância do preparo voltado para o serviço. Ele dedicou os Seus três anos e meio de ministério para prepará-los. Podemos ver imediatamente como isso deve ter influído sobre a motivação dos discípulos para cumprir o seu trabalho.

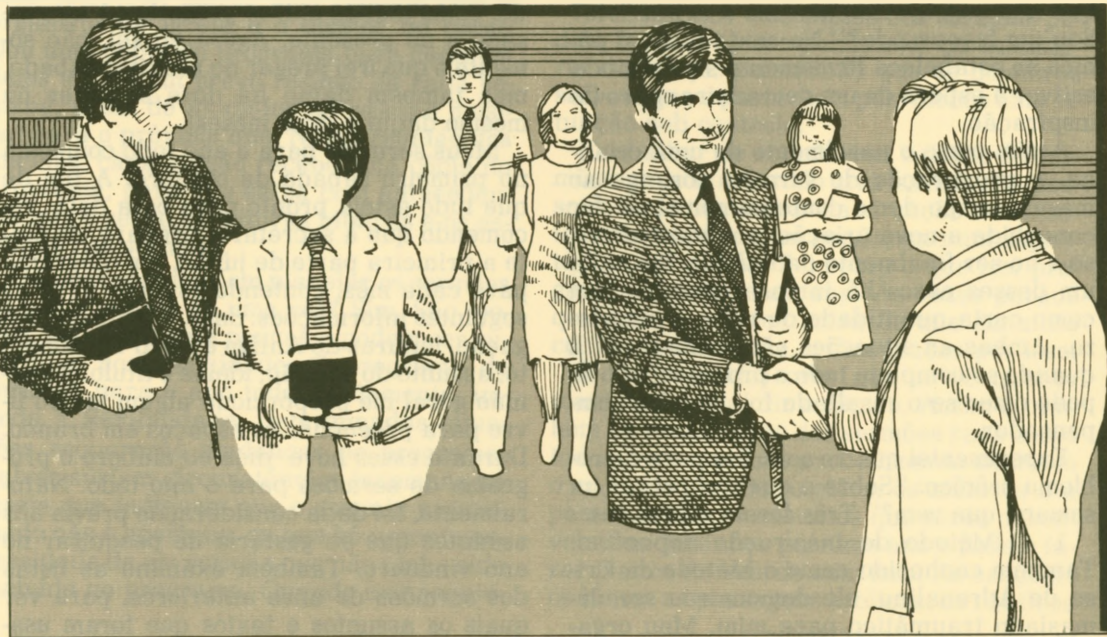
8. Ao compreender como incentivar as pessoas para servir na igreja, também precisamos considerar a imagem total da igre-

ja e do departamento que precisa de auxílio. Uma boa imagem ou reputação influirá consideravelmente no sentido de estimular uma pessoa a dedicar seu tempo ou energia a esse departamento. Se o provável voluntário achar que o seu tempo vai ser bem empregado, ele será mais propenso a dedicar-se a essa posição.

Por certo, o pastor não achará que a tarefa de incentivar uma igreja de termo médio pode ser realizada com facilidade. Mas estes princípios de motivação, sabiamente postos em prática, aumentarão sua eficiência como dirigente. A obra de ganhar almas ainda pertence ao Espírito Santo; mas, sem leigos dedicados e bem motivados, a igreja sofre derrotas. Estes princípios não podem garantir o êxito, mas evitarão que a liderança do pastor impeça a obra do Espírito Santo no coração dos membros da igreja.

Referências

1. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1969), pág. 196.
2. *Ibidem*.
3. *Idem*, pág. 197.
4. Douglas McGregor, *The Human Side of Enterprise* (Nova Iorque: McGraw Hill Book Company, Incorporated, 1960), págs. 33 e 34.
5. *Idem*, págs. 47 e 48.
6. Ver também a obra de Susana Davidson Schaefer, *The Motivation Process* (Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers, Inc., 1977), pág. 3.
7. *Ibidem*.
8. Bernardo L. Rosenbaum, *How to Motivate Today's Workers* (Nova Iorque: McGraw Hill Book Company Incorporated, 1982), pág. 22.
9. S. Mateus 19:26.
10. Roberto Schuller, *Self Esteem: the New Reformation* (Waco, Texas: Word Books, 1982).
11. Rosenbaum, *op. cit.*, pág. 35.
12. *Idem*, pág. 59.
13. Ted W. Wengstrom e Edward R. Dayton, *The Art of Management for Christian Leaders* (Waco, Texas: Word Books, 1976), pág. 78.



ODILEMA SEMANAL DO PREGADOR

LAWRENCE G. DOWNING

Pastor da Igreja Adventista
do Sétimo Dia
de Green Lake, Seattle, Washington

Como você lida com a importante tarefa de decidir sobre o que irá pregar? As decisões em cima da hora não somente aumentam a tensão que você terá de suportar, mas também é provável que resultem num regime espiritual desequilibrado para sua congregação. Neste artigo o autor menciona alguns meios experimentados por ele, e diz qual tem sido o melhor.

— Sobre o que irei pregar na próxima semana?

O proverbial desalento na segunda-feira de manhã tem especial significação para o pregador, pois ele precisa decidir, semana após semana, qual será o novo sermão que oferecerá a sua expectante congregação. A questão torna-se mais significativa em proporção direta com o passar dos dias. Outras perguntas, muito conhecidas em virtude do seu freqüente aparecimento, tornam a apresentar-se à medida que se aproxima o limite de tempo no sábado de manhã, e ainda não há nada no papel: "Por que me incomodo com isso? Que importa; será que alguém vai mesmo prestar atenção? Por que não consigo dominar-me e evitar isto? Sou um fracassado?" Na sexta-feira, o pânico se estabelece firmemente se ele ainda estiver à espera de um derradeiro sopro de inspiração.

Assim como o nascimento de uma criança, a preparação do sermão abrange ao mesmo tempo dor e contentamento, ao ser concebida a nova criação, ao desenvolver-se e ao ser finalmente dada à luz. Em cada um desses casos há intensa emoção, bem como certa quantidade de risco e incerteza. Ambas as situações são exaustivas. E quando se completa todo o processo, não se pode dizer se o resultado foi, ou não, compensador.

Experimentei quatro soluções para o problema crônico: "Sobre o que irei pregar na semana que vem?" Três foram rejeitadas.

1. *O Método da Inspiração Repentina.* Também conhecido como o Método da Crise de Adrenalina, ele demonstrou ser demasiado traumático para mim. Meu orga-

nismo não suporta muitas decisões de última hora. Além disso, a repentina irrupção de fogo do alto freqüentemente se transformou em atabalhado fracasso no púlpito.

2. *O Plano Mensal de Sermões.* Este método só conseguiu aliviar parcialmente a minha tensão. Eu tinha ainda doze ocasiões de crise por ano.

3. *Sermões Para um Trimestre.* Este método constituiu um aperfeiçoamento do anterior, reduzindo os pontos de tensão de doze para quatro. Mas todo trimestre a crise retornava. Prefiro ter menos ansiedade do que isso.

4. *Sermões Para o Ano Todo.* Durante os oito últimos anos tenho seguido este método, como muitos outros pregadores no passado e no presente. Agora eu sei, não somente o que irei pregar no próximo sábado, mas também daqui há doze semanas ou mesmo daqui a doze meses!

Meus sermões para o ano todo começam no primeiro sábado de outubro. A fim de que tudo esteja pronto para essa data, recomendo que a secretária prepare, durante a primeira parte de junho, um diagrama para cada mês, contendo espaços para as seguintes informações: data, o texto da pregação, leituras do Antigo e Novo Testamento, assunto do sermão, idéias e título. A reunião geral me proporciona algum tempo livre para preencher os espaços em branco. Durante esses nove dias eu elaboro o programa de sermões para o ano todo. Naturalmente, foi dada consideração prévia aos assuntos que eu gostaria de pesquisar no ano vindouro. Também examino as listas dos sermões de anos anteriores, para ver quais os assuntos e textos que foram usa-

dos, e consulto as leituras do Lecionário. Este último instrumento não é muito conhecido entre os adventistas, mas considero-o útil quando junto os sermões para o ano todo.

O Lecionário é publicado e usado em conjunto por diversas denominações. Há uma série A, B e C, que abrange o ano litúrgico. Para cada semana, o Lecionário apresenta pelo menos três passagens bíblicas relacionadas com o período do ano eclesiástico. Usá-las no planejamento dos sermões faz com que eu seja menos propenso a repetir assuntos favoritos, põe-me em contato com passagens que de outro modo eu talvez não fosse escolher, ajuda-me a assegurar a inclusão das doutrinas fundamentais da fé cristã e me traz à lembrança que fazemos parte de uma ampla comunidade cristã que participa de interesses similares.

Depois de escolher os assuntos dos sermões e as passagens bíblicas, eu os coloco numa folha de papel dividida em seções semanais e transfiro essas informações diretamente para as folhas de pregação mensal. Dias especiais de culto, como o serviço de comunhão, feriados, retiros da comissão da igreja, festivais de hinos, programações do coral, sábado pró-lar e família, sábado de reforma, etc., já foram incluídos nessas páginas mensais. Os assuntos para cada semana giram em torno dessas ocasiões. Leituras do Antigo e do Novo Testamento são escolhidas para cada assunto, de modo que uma lista das leituras para os cultos pode ser dada a cada ancião e à equipe de música.

Quando o calendário do ano eclesiástico está completo, marco uma reunião com a organista da igreja e o diretor do coral. Dou uma cópia do programa para cada um deles e faço um breve resumo de cada semana, a fim de ajudá-los na seleção musical para o próximo ano. Numa reunião dos anciãos, cada ancião recebe uma cópia do programa, para que saiba com antecedência quais serão as leituras bíblicas e os assuntos dos sermões.

Há desvantagens em planejar os sermões para o ano todo de uma vez? Sim. São, porém, relativamente poucas e podem ser superadas com facilidade. O programa de sermões para o ano todo, obviamente, impede a flexibilidade. Determinadas situações requererão mudanças no programa. Talvez surjam circunstâncias incomuns na igreja que indiquem que o assunto programado não é oportuno, ou que há urgente necessidade de um sermão que não tenha sido incluído no programa. Quando isto aconte-

ce, omito o assunto para aquela semana, troco uma semana por outra ou preparo um sermão que satisfaça essa necessidade. No programa é declarado que o calendário está sujeito a revisões, e posso efetuar-las com facilidade. Não tenho recebido reclamações quando há alguma substituição.

Creio que os benefícios são muito maiores do que as desvantagens. Entre eles, encontram-se os seguintes:

1. O plano de sermões para o ano todo me habilita a ter uma vista geral do que pretendo realizar nesse ano.

2. É relativamente fácil fazer um retrospecto e verificar até que ponto fui bem-sucedido na realização do que eu pretendia efetuar.

3. São diminuídas as possibilidades de repetição de assuntos e textos. (De vez em quando, como interessante exercício, faça uma lista de todos os assuntos sobre que você pregou durante um período de dois ou três anos. Os temas favoritos aparecem com surpreendente frequência.)

4. Saber de uma vez sobre o que pretendo pregar durante o ano todo me ajuda a ter a atenção voltada para informações relacionadas com os assuntos dos sermões. Quando me vêm à mente idéias ou artigos apropriados, eu os anoto e os arquivo de acordo com a data, para uso posterior.

5. O antigo sentimento de pânico está ausente. Sei que tudo que terei de fazer na segunda-feira de manhã é abrir a primeira gaveta do lado direito da escrivaninha, e ali está o assunto do sermão e os textos para o próximo sábado.

6. Os textos e os títulos dos sermões podem facilmente ser publicados no calendário da igreja, permitindo que os membros saibam que o pastor tem pelo menos uma situação sob controle.

Trabalhar de acordo com o plano de sermões para o ano todo traz satisfação pessoal. Sinto-me senhor da situação e enfrento cada semana com confiança num aspecto de minha vida: Sei sobre o que irei pregar na próxima semana. Às vezes parece que esta é a única coisa de que me sinto confiante nesse dia, e dou graças por isso.

É no frigidar dos ovos que se vê quanta manteiga sobra, diz o ditado. Assim é também na preparação dos sermões para o ano todo. Creio que este procedimento enaltece o culto divino. Os anciãos, os músicos e o pastor sabem os assuntos que serão desenvolvidos durante o próximo ano e podem fazer planos de acordo com isso. As orações, os hinos, as passagens bíblicas, os cânticos

e o sermão, quando tudo corre normalmente, se relacionam com esse assunto. Quando este é freqüentemente o modelo, a congregação começa a notar que as diversas partes do culto se ajustam, e que isso não acontece por acaso. Na realidade, um dos principais propósitos do plano de sermões para o ano todo é desenvolver intencionali-

dade no ministério da pregação.

Para mim, o Método de Sermões Para o Ano Todo respondeu à pergunta: Que irei pregar na próxima semana? Ainda estou perdendo cabelo, mas não por arrancá-lo na sexta-feira à noite, procurando descobrir alguma coisa para os santos no sábado de manhã!

RIOS E REGATOS

RUBENS S. LESSA

Redator-chefe da
Casa Publicadora Brasileira

Tivemos, tempos atrás, o privilégio de sobrevoar boa porção da floresta amazônica. Através da pequena janela da aeronave, pudemos descortinar, durante quase duas horas, uma sucessão de quadros que a mente humana não consegue descrever.

O que, entretanto, mais nos chamou a atenção foi a quantidade de rios que serpenteiam por entre a densa e majestosa floresta, chamada de "Inferno Verde", por Alberto Rangel. Enquanto meditávamos na grandeza daquele sistema hidrográfico, veio-nos à mente o seguinte pensamento do livro *Educação*, pág. 116: "O vasto e profundo rio, que oferece caminho ao tráfego e viagens dos povos, é tido na conta de um benefício ao mundo inteiro; mas que dizer dos regatozinhos que auxiliam a formar aquele nobre rio? Se não fossem eles, o rio desapareceria."

O que seria do Amazonas, se não fossem os rios que nele lançam as águas? Sabe-

mos que quase todos os afluentes do "Mar Dulce" são rios caudalosos. Estes, entretanto, recebem águas de cursos menores, que, por sua vez, recebem águas de rios ainda mais humildes.

Tais reflexões, durante a viagem a que aludimos, ocuparam-nos o espírito.

Pois bem. No panorama da Igreja — para sermos específicos — dá-se algo semelhante ao que se verifica num sistema hidrográfico: as pessoas investidas de maiores responsabilidades dependem dos obreiros mais humildes. "Semelhantemente, homens há que, chamados a dirigir algumas grande obra, são honrados como se o êxito fosse devido a eles, tão-somente; mas esse êxito exigiu a fiel cooperação de quase inumeráveis obreiros mais humildes, obreiros de quem o mundo nada conhece." — *Ibidem*.

Assim como os rios dependem dos regatos, os líderes precisam da cooperação daqueles que lhes são subalternos sob pena de fracassarem na execução de seu programa de trabalho. Mesmo que sejam dotados de raros talentos e considerável capacidade de trabalho, sempre dependerão do concurso de obreiros mais humildes.

Muitas lições podem ser tiradas dessa realidade.

Cooperação. — A Obra de Deus é u'a máquina cujas peças funcionam num clima de interdependência. O todo depende de uma série de situações configuradas por uma escada de atos de cooperação. Do primeiro ao último degrau, é indispensável a integração de valores e talentos.

Não há razão para orgulho. — O rio Amazonas não deve orgulhar-se de ser o maior rio do mundo. Ele é o somatório de milhares de cursos de água. Muitos ho-



C. Sampaio

mens, da Causa de Deus, estão em evidência, em face das responsabilidades de que se acham investidos. Tais obreiros, entretanto, não se devem iludir com a idéia de que são bem-sucedidos em virtude de sua capacidade e inteligência. Inúmeros regatos contribuem para que eles sejam grandes caudais de realizações. Tire-se-lhes o apoio da parte dos regatozinhos, e serão leitões secos, desérticos.

Há, porém, os descontentes. — Se alguns obreiros são tentados a orgulhar-se dos talentos que possuem, outros se inclinam a chorar por causa de seus magros dotes ou minguadas oportunidades. A tais pessoas o Espírito de Profecia diz: "Trabalhos que não recebem louvores ou reconhecimento de outrem, são a sorte que toca à maior parte dos que mourejam no mundo. E muitos se enchem de descontentamento com tal sorte. Têm a impressão de que sua vida não é aproveitada. Mas o regatozinho que segue silenciosamente através dos bosques e prados, levando saúde, fertilidade e beleza, é tão útil em sua marcha como o grande rio." — *Idem*, pág. 117.

Eis o conselho adequado para os que deixam de produzir, em virtude de se considerarem regatos insignificantes: "O que precisamos aprender é fidelidade em fazer o maior uso das facultades e oportunidades que temos, e ter contentamento na parte

que o Céu nos designou." — *Ibidem*. "Os talentos, conquanto poucos, devem ser empregados." — *Parábolas de Jesus*, pág. 329.

O balão do louvor. — Muitos dos professos seguidores de Cristo — quer obreiros, quer leigos — só trabalham com disposição e alegria, quando louvados e engrandecidos. "Muitos há que nada fazem a menos que sejam reconhecidos como dirigentes; muitos são os que, não recebendo louvores, não têm interesse no trabalho." — *Ibidem*.

Qual é a sua situação, caro leitor? É você um Amazonas ou um modesto regato?

Se você se considera um rio caudaloso, lembre-se de duas coisas: *primeira* — Deus espera que todas as suas potencialidades sejam usadas ao máximo; *segunda* — não fossem as bênçãos divinas e a cooperação de outras pessoas, e você não estaria onde está, como líder, nem seria o que é.

Se se considera um regato apagado, leve em conta o seguinte: Não pense que, por ser pouco aquinhoado, pode enterrar o único talento, pois o rio caudaloso depende de muitos regatos, dos quais você é um.

Na *hidrografia* da Obra do Senhor, o que importa não é a posição que ocupamos no mapa. O que interessa não é a quantidade de talentos que possuímos, mas o judicioso uso que deles fazemos. Afinal, rios e regatos correm para o oceano. E o oceano é Deus.

Como a Maior Igreja do Mundo Ficou Desse Jeito

(Continuação do Artigo Publicado no Número Anterior)

Perseverança no Plano de Alcançar as Pessoas

Enfatizo a importância de manter os grupos celulares como veículos de alcance dentro da igreja. Um dos problemas enfrentados por um grupo de pessoas que se reúnem regularmente é a familiaridade. Quando alguém se torna membro de um grupo celular, logo desenvolve laços de familiaridade com outros membros do grupo. Do mesmo modo que na família, desfrutamos muito a unidade com os que nos são chegados, e agimos diferente quando há visitas no lar. Assim também, no grupo celular é difícil incorporar os membros novos. É por esta razão que o objetivo do grupo celular deve ser

realçado continuamente. Trazer pessoas de fora dá aos membros recém-adestrados a oportunidade de ensinar a outros.

Temos a tendência natural de recordar aquilo que consideramos mais importante. Acontece a mesma coisa no grupo celular. Os membros novos do grupo começam a ser adestrados na teologia e na metodologia da conquista de almas. Se não tiverem alguém ao qual possam ensinar o que estão aprendendo, não aprenderão com o mesmo entusiasmo.

Como Alcançar os Crentes Desanimados

Há muitas pessoas na comunidade que

foram membros de igreja, mas agora não assistem a nenhuma. A maioria dos cristãos que deixam a igreja parecem ter a mesma história ou uma muito semelhante: ainda crêem em Jesus; ainda se consideram cristãos, mas ficaram desanimados na igreja. Alguns talvez foram excluídos da igreja ou se desgostaram com o pastor e os dirigentes. Alguns podem ter caído em pecado e se sentem envergonhados de voltar para a igreja. Qualquer que seja a causa, há muitos que necessitam ser reconduzidos ao redil.

O dirigente de um grupo celular também está adestrado na arte de aconselhar a outros. Isto é muito importante, pois o cristão desviado não precisa ser tratado da mesma maneira que as pessoas que nunca ouviram o evangelho. Alguém deve ouvir ao que está ferido e mostrar-lhe que a graça de Deus é aplicável a todo aquele que clame a Ele.

Sem julgar e condenar a quem quer que seja, o dirigente do grupo celular apresenta o cristão ferido a outros membros do grupo, os quais também demonstrarão genuíno interesse e preocupação por ele. Quando o cristão ofendido sentir que é amado e aceito, estará disposto a retornar à igreja. O grupo celular torna-se uma parte pessoal e íntima para alcançar a cristãos necessitados que não assistem a nenhuma igreja. Se fossem convidados à igreja de imediato, poderiam ser repelidos. Portanto, não somente a conquista de almas, mas também animar e trazer de volta aqueles que não estão assistindo à igreja constituem os dois aspectos do ministério que podem ser exercidos no sistema celular.

Quando um Grupo Celular se Torna Muito Grande

Se você tiver um problema, que ele se deva ao êxito, e não ao fracasso. Assim, os grupos que se tornam muito grandes para o lugar em que se reúnem ou para o propósito para o qual foram criados, devem dividir-se. No entanto, isso não é fácil para algumas pessoas. A forma de dividir com êxito é conservar a liderança que o grupo conhece. Lembre-se de que o dirigente do grupo celular esteve treinando desde o princípio um novo dirigente com esse propósito, de modo que o novo dirigente não é um estranho. O grupo se dividirá com facilidade se o propósito pelo qual se deve dividir for salientado continuamente. Os grupos celulares existem para conduzir pecadores a Jesus. Se o grupo tornar-se muito grande,

haverá um obstáculo natural para que as pessoas possam conhecer mais acerca de Jesus.

Depois que o grupo celular se dividiu em duas partes, os dirigentes de ambos os grupos se reúnem regularmente. Eles se mantêm em contato pessoal com cada membro. Quando alguém está no hospital, essa pessoa é visitada. Se há uma necessidade pessoal, o dirigente está ali. Cada indivíduo é pastoreado muito mais pessoalmente do que os membros de igrejas que têm apenas poucas centenas de membros.

Um jovem começou um grupo celular num dos subúrbios de Seoul, e logo passaram a ser tantos que tiveram de alugar ônibus aos domingos de manhã para levá-los à igreja.

Eu jamais poderia ter atendido às necessidades dessa comunidade situada a mais de 45 quilômetros de distância, mas o nosso sistema celular estava ali, enfrentando as necessidades com eficiência.

Quando ensino este plano celular em conferências para o desenvolvimento de igrejas, geralmente traço um triângulo no quadro-negro. Se você inverter o triângulo e colocar o pastor na base, estará demonstrando a maneira convencional em que a maioria das igrejas crescem.

Quanto maior for a igreja, tanto maior será o peso que recai sobre os ombros do pastor. No entanto, com o desenvolvimento do sistema celular a igreja pode crescer sem destruir seu dirigente. Eu mostro isto virando o triângulo para cima. O pastor está agora no alto do triângulo. O tamanho da igreja e a carga que traz consigo não afeta o pastor.

Você tem o mesmo Espírito Santo que eu tenho, o mesmo Espírito Santo que abriu meus olhos para ver a realidade do sistema celular como o plano de Deus para o crescimento de igrejas nesta nova era de superigrejas. Ele pode dar-lhe as respostas específicas que você necessita enquanto se aproxima dEle com fé e oração.

Não se deixe desalentar por aqueles que dizem: "Eu não posso trabalhar nessa comunidade." Cada povo, não importa seu tamanho, tem uma chave para o reavivamento. À medida que você desenvolve um íntimo companheirismo com o Espírito Santo, Ele lhe dá a chave para sua comunidade. Deus não fará crescer sua igreja sem usar a você. Isso não cairá do Céu como a chuva. Deve começar em seu coração. Não é só para a Coréia. É para todos os rincões da Terra. — *Christianity Today*.